ANO 7.º | Sexta-feira, 13 de Novembro de 1914 | NUMERO 344

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02

REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A cultura alemã

A Alemanha, país de elevada intelectualidade mas de sentimentos profundamente barbaros, falou ha pouco pela boca dos seus homens mais notaveis, em todos os campos da sciencia, defendendo e aplaudindo as barbaridades com que o exercito teutonico tem, tão repugnante e impiedosamente, assinalado a sua passagem, como destruidor furacão, no territorio franco-belga, despertando o horroroso pasmo universal no cometimento selvagem de actos de uma inegualavel e requintada barbarie.

Aquele aplauso espantou o mundo. Contudo, a aparição dum famoso trabalho do eminente filosofo francez Emile Boutroux, sobre a nefasta perversão do critério alemão e os detestaveis sofismas que tem adulterado por absoluto a alma germanica, transformando a nação num monstro, atenuam completamente toda a dolorosa impressão que o espirito mundial tem recebido, ilucidando-o completamente a proposito das razões justificativas de todo esse pensar e proceder barbaro e profundamente desumano.

A este respeito escreve judiciosamente um distinto jornalista:

> Para os alemães a humanidade só tem um valor mecanico e opõe-se a toda a concepção de bondade, de doçura, de consolação e de piedade.
>
> Para a cultura germanica existe apenas a Força.
>
> As convenções juridicas entre os homens e os povos serão, pois, uma concessão benevolamente aceites pela Força, que é o unico ideal verdadeiro, justo e fecundo. Daí esse misticismo repugnante que fundamenta a monstruosa vaidade, base do imperialismo alemão.
>
> O alemão tem hoje esta ideia fixa: o povo alemão é o eleito de Deus. E a potencia divina só é visivel e tangivel na terra por intervenção do povo eleito que é a Alemanha. Esta nação, senhora absoluta pela sua missão divina, deve curvar sob o seu jugo todo poderoso subordinado á sua cultura superior, todos os outros povos da terra. *Deutschland über Alles*: a Alemanha acima de tudo—é a grande divisa do pan-germanismo.
>
> Quando se debate a questão do poder da Prussia não posso admitir leis!—disse Bismark. Isto é, a Prussia está acima de todas as *leis*, acima de toda a humanidade. Antes de oprimir, o alemão intimida. E por isso multiplica as forças de destruição para que não possam haver obstaculos á sua ambição de mando e de posse.
>
> Com as suas ideias *sempre absolutas* para eles, germanos, a guerra é a supressão de tudo quanto possa significar sensibilidade e humanidade. Quanto mais destrõe é mata, mais a guerra se aproxima da sua fórma *ideal* e *absoluta*.
>
> Para o alemão na sua obra de conquista não existem—nem podem de fórma alguma existir—nem o respeito das leis escritas, nem a fé dos tratados, nem as convenções, nem a boa fé. E muito menos ainda esse sentimentalismo latino, chamado o *ponto de honra*.
>
> O que eles, os alemães, pretendem obter é o maximo do resultado por meio do maximo da força. E por isso o Povo-Deus que é a Prussia alia ao maximo da sciencia guerreira o maximo da barbaria. Ou melhor, como formula de acção: a barbaria multiplicada pela sciencia da Força.
>
> E eis o que é hoje a Alemanha da metafisica que degenerou numa terra de cultura barbara intensiva, com um unico ideal, o da Força da guerra para avassalar e escravisar todas as civilisações de cultura oposta.
>
> E daí os seus metodos de combate—ataques de grandes massas, sem se importar com o numero enorme das baixas, crueldade para com os feridos, para com os não combatentes, destruição sistematica das povoações mesmo sem a minima razão estrategica, a mentira imprudente, a violação dos contratos a que o chanceler chama *pedaços de papel sem importancia*, os embustes e falsa-fé como bases da arte da guerra, e uma vaidade quasi infantil demonstrando um orgulho morbido.
>
> Infelizmente, do nosso lado, dos latinos, ha uma indolencia do sonho, um enraizado optimismo que é necessario combater para nos evitar as surprezas terriveis por que estamos passando. A Alemanha, ou antes a raça alemã, compreendendo uma bôa parte da Austria, é um pedaço duro de roer. Sem o auxilio do slavo e do anglo-saxão, seremos esmagados, porque nós, latinos, ainda não compreendemos a solidariedade. E sobretudo com a abnegação desse heroico povo-martir que é a Belgica, terra que preferiu a morte á deshonra.
>
> O manifesto dos intelectuaes alemães não tem por isso grande valor. E' mais um acto de megolomanos de *élite*. E nada mais
>
> E no entanto a velha filosofia alemã tinha declarado insuficiente e mediocre a moral de Platão e havia prégado o dever pelo dever, estabelecendo a supremacia incondicional do valor moral. Agora préga a destruição das obras eternas de arte, o fim da moral humana e apologia barbara da Força!
>
> Porque o filosofo Boutroux conclue como os principaes moralistas modernos:
>
> *Não obstante toda a sciencia com que pretendem assombrar o mundo, os alemães são muito pouco civilisados, isto é, não compreendem a civilisação.*
>
> *As nações latinas*, diz Boutroux, *colocam a essencia da civilisação no elemento moral da vida humana. E os germanos considéram a bondade, a doçura, a piedade como inicios de fraqueza e de impotencia. Só a Força é forte. Nada de imaginação e nada de sentimento. A teoria da besta.*
>
> Como se demonstra, a vitoria da Alemanha seria hoje a destruição completa do que ha de mais belo na humanidade. Porque o que se chama a ideia germanica é uma perversão absoluta da civilisação.
>
> Nos campos do Aisne os soldados batem-se não apenas pelo triunfo da França—mas pelo triunfo de uma civilisação superior.

Nem mais.

JUNTA GERAL

Reune no dia 21, pelas 13 horas, a Junta Geral do distrito, cuja sessão se não poude efectuar no dia 1 por falta de numero.

GOVERNADOR CIVIL

—═(*)═—

Pediu a exoneração do alto cargo que neste distrito vinha desempenhando desde 26 de março do ano corrente, sendo-lhe concedida, o sr. dr. Augusto Gil, cuja passagem por Aveiro ficou bem assinalada com os recentes casos de Esgueira e da Oliveirinha, ou seja aquele par de botas, de que nos fala o *Progresso*, tão dificil de descalçar, como se viu e os factos não negam.

Com efeito a situação do sr. Augusto Gil era insustentavel. Sabemos perfeitamente que sua ex.ª veio para aqui animado das melhores intenções, com todo o desejo de acertar e que fez mesmo esforços por não caír no desagrado dos homens nem dos partidos. O que é verdade, porém, é que o sr. Augusto Gil não conseguiu os seus fins. Isto de agradar a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo não é hoje tão facil como á primeira vista parece. E então estatelou-se. Presentimo-lo desde a primeira hora que soubémos do compromisso tomado com um dos membros de *maior virilidade* no evolucionismo local, que por sinal é padre, compromisso que consistia na substituição do regedor da Oliveirinha, sem motivo justificado, por um reaccionario da freguezia, e presentimo-lo ainda porque, afrontando assim o sr. Augusto Gil um antigo republicano, logicamente se colocava na contingencia de não merecer mais a confiança dos que pela Democracia teem trabalhado sem desfalecimento, com uma abnegação digna de ser respeitada pela autoridade e nunca despresada, como s. ex.ª queria, atravez de tudo, e quando naturalmente está indicado que se mantenham nos logares de que dependa a segurança do regimen, pessoas acima de toda a suspeita, que possam defender a Republica nos momentos criticos, que velem pelo cumprimento das suas leis, que não sejam, emfim, agentes da reacção, *talassas* impenitentes ou conspiradores disfarçados capazes de, num dado momento, traírem a causa consoante as suas afinidades ou interesses.

Vai o sr. dr. Augusto Gil e não tem que se queixar senão de si. Da sua leviandade. Do seu máu passo, tornando-se instrumento dos reaccionarios, alheiado por completo da missão que foi chamado a desempenhar neste distrito e que não era, não podia ser conforme a idealisou nos ultimos tempos por ultrapante para as instituições que aqui o mantinham como delegado de confiança. Bem avisado andaria sua ex.ª se nos ouvisse e primeiro que empenhasse a sua palavra se désse ao trabalho de procurar saber quem era o regedor da Oliveirinha que tanto preocupava o tal *membro* do evolucionismo cuja virilidade se tornou assaz conhecida no pequeno meio em que vivemos, para então se pronunciar com segurança e acêrto, aprumadamente, evitando assim a triste figura a que a força das circunstancias obrigou um dos mais apreciados poetas portuguêses. Isso, porém, achou o alto criterio do sr. Augusto Gil dispensavel. Paciencia. O nosso dever cumprimo-lo e não nos arrependemos de ter evitado que a Republica fosse traída por um funcionario leviano, embora inteligente, competentissimo entre os mais competentes e afinados cantores que a musa inspira, mas desastrado, cheio de defeitos politicos que agora se vinham evidenciando a cada instante e que o tornavam profundamente antipatico quando não intoleravel.

Para encurtar razões: o sr. dr. Augusto Gil fez o que devia. E pois que a sua permanencia em Aveiro só agravava os que, verdadeiramente republicanos, se conservam vigilantes na defêsa das instituições, escusado será dizer que andou ás horas, retirando.

Passe S. Ex.ª muito bem...

Films...

Excerto

Duma carta ha pouco recebida de Angola por um amigo nosso recortâmos estes periodos com alguma importancia nos tempos que vão correndo:

> Estou ao corrente do movimento da guerra pelos jornaes.
>
> Segundo consta aqui já chegaram ha dias as expedições para esta provincia e para Moçambique. Nós por aqui não sabemos bem qual o *fito* das expedições. Eu se não tivésse vindo para cá nésta comissão, tinha sido o primeiro agora a marchar. Assim, se por acaso fôr preciso, já cá estou. Como sabe é lá para o sul que vai a expedição. Nésta terra ha socêgo completo. Na capitanía mór do Duque de Bragança, porém, o gentio precisa duma lição.
>
> . . . .
>
> Calcule o meu amigo que a circunscrição onde estou rendia para o Estado no tempo da *outra senhora* apenas 900 escudos e este ano já tem em cofre 10:000 e esperam receber ainda mais 6:000! Isto era antigamente uma roubalheira infame.

Se era. E ainda o autor da carta não têve tempo de vêr nada. O que ele não dirá quando conhecer o resto...

O sr. Alpoim

Ofereceu-se ao sr. ministro da guerra para ir, como soldado, combater com os aliados na primeira expedição portuguêsa, o *loiro* sr. Alpoim. A noticia fez sensação, ocupando-se os jornaes tanto desse gesto do colaborador do *Janeiro* como da resposta do sr. ministro, agradecendo e aceitando o oferecimento.

Radiante por esse facto, o sr. Alpoim entende, porém, que o govêrno deve dar *aos que vão combater um consolo moral, restabelecendo os capelães nos regimentos e navios*.

E não dando? Naturalmente o sr. Alpoim não vai porque anda... em pecado mofento...

Calha bem...

Impertinencias

Impedido, como foi, o *casamento da Beatriz* no dia 20 do mez findo, pergunta-nos um massador aqui do lado o que se hade fazer agora ao *arroz dôce*.

O' homem: pois não sabe que entrando *bispo* na cosinha tudo se estraga?...

Um par de botas

Do *Progresso*, orgão evolucionista, metendo *chalaça*:

> «O *Democrata* pretende encravar o sr. governador civil *noutra bota*.
>
> Temos portanto já um *par de botas*, de fabrico especial do *Democrata*: uma a do prior de Esgueira, outra a do regedor de Oliveirinha!
>
> E é com taes botifarras que os democraticos — grupo radical — pretendem encravar o sr. dr. Augusto Gil, ameaçando-o com a conflagração mundial, se por ventura demite um regedor de aldeia.
>
> *Ora bolas!!*»

Ora bolas, dizemos nós. Bolas p'ra chalaça porque outra coisa não vale o *suelto*, decérto inspirado pelo *membro evolucionista de alta virilidade e importancia no seio das comissões*...

A conspiração de 1913

Devidamente autorisados pelo nosso colêga do Porto, *O Norte*, começâmos hoje a publicar o relato que está fazendo dos sucéssos que o ano passado agitaram o país e que, no bélo diario a que nos reportâmos, vem inserto com o titulo — **Nos bastidores da conspiração de 1913.**

Como os nossos leitores já sabem, nesse movimento tem um papel de destaque o advogado aveirense Jaime Duarte Silva, assim como outros individuos conhecidos no nosso meio, motivo porque a narrativa se torna ainda mais interessante e digna de por todos ser admirada na parte relativa aos trabalhos realisados para a restauração do trôno manuelista.

Nela aparecerá tambem o nome de Homero de Lencastre, documentos preciosissimos e logicamente comprovativos das intenções dos individuos concertados para uma acção decisiva contra as instituições e um sem numero de circunstancias que são como que a resposta aos imbecis que em 1913 comprometeram poderosamente a Republica opondo-se ao castigo dos relapsos criminosos.

A historia é, pois, dos que maior interesse tendem a despertar e porque assim o considerâmos é que resolvemos edita-la tambem para que os nossos leitores possam comentar com conhecimento de causa o acto impolitico de cértos... *defensores* do regimen.

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, nessa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pamento.

Gustavo Ferreira Pinto Basto

A SUA MORTE

Trouxe-nos o telegrafo anteontem de manhã a noticia do falecimento do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que uma grâve doença forçára a partir, ha dias, para Lisboa onde sofreu uma melindrosissima operação, como unico recurso que, infelizmente, foi nulo.

Figura de destaque no nosso meio comercial e politico, credor da gratidão desta terra pelos relevantes serviços que lhe prestou, o seu desaparecimento é, sem duvida, profunda e geralmente sensivel como uma natural consequencia da sua longa preponderancia e convivio entre nós.

Arreigado conservador de velhos proconceitos e principios politicos, que a inovação progressiva e indomavel da época vai reduzindo ás suas insignificantes proporções, foi deles, com grâve prejuizo da sua obra, um ferrenho partidario cégamente apaixonado até ao sectarismo, recusando inumeras vezes reconhecer a verdade das cousas e dos factos, ainda que ela resplandecesse como a luz do dia.

E muitas vezes, orientando assim o seu espirito, prejudicou o traçado da sua acção que poderia ter sido, moldada na evolução moderna e democratica presente, de muito mais aproveitavel latitude e indiscutivel grandeza.

Faltariamos, contudo, indignamente á verdade se lhe não reconhecessemos, ainda que adversario apaixonado e violento do atual regimen, méritos e qualidades de subido valor que por mais duma vez e com invulgar tenacidade sustentou para a realisação de algumas das suas obras, nomeadamente na córte do velho convento das Carmelitas contra o que se ergueu, apopletica e feroz, a seita reaccionaria que levou o seu protésto até ao trôno dessa ultima rainha que foi do bando negro a mais devotada e desvanecida protectora.

Gustavo Ferreira Pinto Basto nasceu a 26 de Janeiro de 1842, na quinta do Silveiro, imediações do concelho de Oliveira do Bairro.

Contava perto de 73 anos. Era filho de Augusto Ferreira Pinto Basto, primeiro administrador da fabrica de porcelana da Vista Alegre e de D. Maria Inocencia Ferreira Pinto Basto e neto paterno do fundador da mesma fabrica. Fez os seus primeiros estudos em Coimbra, completando depois o curso de infantaria na Escola do Exercito. Promovido a oficial, passou a fazer serviço em diferentes direcções de Obras Publicas como conductor, servindo na deste distrito desde 1871 a 1889.

Foi comandante dos Distritos de Reserva de Aveiro e de Ovar, reformando-se no posto de tenente coronel da referida arma a 12 de maio de 1892. Casou nesta cidade em 1875 com a sr.ª D. Maria José de Almeida Azevedo, que deixa viuva, filha do falecido negociante e capitalista José Antunes de Azevedo, havendo desse matrimonio tres filhos, duas senhoras e o sr. Egas Ferreira Pinto Basto, atualmente lente da Universidade de Coimbra.

Presidiu á Associação Comercial durante alguns anos e como presidente da Camara Municipal serviu em quatro bienios, abrindo durante eles novas ruas, melhorando as canalisações de agua e de esgoto; celebrou o contrato para a construção do mercado do peixe; obteve a construção do ed-

ficio para a escola central da freguezia da Gloria; planeou e fez construir o edificio do Asilo Escola, para ambos os sexos; fez a aquisição do mercado de hortaliça; realisou o calcetamento do Largo da Republica, obra tão vistosa como util; conseguiu a abertura do canal de S. Roque; transformou completamente entre 1905 e 1906 o bairro onde abriu a avenida e o vasto jardim que entesta com o edificio do governo civil, fazendo desaparecer um velho e tortuoso trecho da cidade assim como um grande pedaço do cazarão que fazia parte do antigo e esboroado convento das Carmelitas.

Além destes melhoramentos de maior vulto ultimamente realisados, ha muitos outros aos quaes a sua administração não é estranha, merecendo especial referencia a construção do teatro, 1879-1881, a qual se deve exclusivamente á sua intervenção e tenacidade no que foi dedicadamente auxillado pelo capitalista João Pedro Soares, tabem já falecido.

No campo politico militou largo tempo no partido Constituinte de que foi chefe o extinto jurisconsulto José Dias Ferreira até que mais tarde, pela decadencia daquele grupo se alistou no partido progressista em que se conservou até ao seu desaparecimento em 1910, com a proclamação das novas instituições.

No campo jornalistico evidenciou-se no *Distrito de Aveiro*, no *Correio de Aveiro*, que fundou em 1886, no *Oportunista*, em 1896, e ultimamente no *Progresso de Aveiro*.

Intransigentemente partidario do regimen monarquico jámais perdeu o ensejo em qualquer oportunidade de manifestar a sua animadversão pela nova fórma de govêrno, que, apesar de implantada no nosso país, nunca dele conseguiu nem obteve a mais leve referencia de aplauso ou tolerancia.

Este feitio, porém, que era como em muitos outros casos uma particularidade da sua psicologia nunca lhe empanou as suas qualidades de excelente administrador, chefe de familia exemplar, homem honrado, caracter probo, espirito culto.

A toda a sua familia apresenta o *Democrata* as suas condolencias.

* * *

O cadaver do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto chegou hoje, no comboio correio da manhã, á estação do caminho de ferro, devendo o funeral efectuar-se logo, ás 16 1|2 horas, segundo nos informam.

A ele nos referiremos no proximo numero.

Tarde piaste...

O *Progresso* só na segunda-feira achou momento azado para se dirigir ao sr. governador civil solicitando-lhe a substituição do regedor da Oliveirinha, escudado em falsas acusações dum jornal que morreu ao nascer e que têm tanta importancia que ninguem as ouviu então quanto mais agora... que o sr. Augusto Gil se acha... a umas poucas de léguas de distancia...

Rimos com a catilinária do *Progresso*. Não tendo encontrado outra coisa, o orgão evolucionista serve-se duma velharia, sem importancia, julgando que isso sería o suficiente para abalar uma autoridade que melhor tem mantido na sua freguezia o prestigio da Republica, fazendo cumprir a lei, não consentindo que esta seja calcada, como o póde testimunhar toda a gente que, por espirito de seita, não esteja obsecada pelas ideias dos reaccionarios, unicos, afinal, que não concordam com a obra de defêsa das instituições que Manuel da Cruz Manuelão tem operado na ária da sua regedoria. Julga o *Progresso* que se não fosse esta circunstancia nós o defenderiamos? Somos amigos de Manuel da Cruz Manuelão. Mas no caso presente essa particularidade é posta de parte para subsistir apenas aquela que advém do seu muito amor á Republica e que não póde ser despresada por nenhum principio, tão gráve injustiça cometeriamos se assim procedessemos. Acima de tudo queremos que a Verdade triunfe. A verdade que o sr. dr. Augusto Gil se não dignou ouvir e que, já agora, o *Progresso*, como aqueles que pretenderam enrodilhar o regedor da Oliveirinha, não alcançará conturbar para conseguir os seus fins.

Supunha que estava cá ainda quem o ouvisse.

Tarde piaste...

Coisas nossas

—=(*)=—

Do que se passou na penultima conspiração, no ano findo, está ainda nitidamente gravado no espirito publico, assim como quanto apaixonada e perigosa foi a atitude de determinados chefes politicos que a esta hora terão medido a gravidade da sua inconsciente e desastrada atitude protegendo todos os energumenos que então tentaram contra a existencia da Patria—os mesmos relapsos que agora novamente se manifestam.

Fez-se cavalo de batalha na concessão da amnistia.

Era éla o traço de união entre a familia portuguêsa, como blasonavam os apaixonados politicos a éssa data á pesca de eleitores; afirmou-se na imprensa, no comicio e no parlamento que toda aquéla obra era um plano infernal do govêrno auxiliado pela policia do Porto com a ajuda diabolica do lendario Homero, que fôra tudo, menos uma conspiração genuina e autenticamente monarquica.

Obra do govêrno, plano do seu chefe, acção do comissario portuense Caldeira Schvola e do seu adjunto dr. João Eloy—alma danada, o diabolico Homero!

Deu-se a amnistia como mésinha redentora para o mal geral de que enfermava a nação.

Sería o remedio santo: —por um lado os pós de Keating devastando os inimigos do regimen, por outro o reconfortante verdadeiro das instituições que entrariam numa fase de decidida e completa tranquilidade. Contudo, foi o que se viu...

O partido democratico, dispondo de maioria bastante para evitar a aprovação déssa medida, votou-a, consignando, todavia que na lei exarado ficasse que teriam de ser julgados os processos pandentes, nos tribunaes militares, para que não ficasse de pé a infamissima lenda que a cegueira de alguns e o proposito de muitos tentava validar.

Sobre todo o sordido plano iniciado miseravelmente e anti-politicamente perdoado, em 1913, decorrem doze mezes, tempo logo aproveitado para o ensaio de nova rebelião que se manifesta á data precisa da anterior e que de novo nos envergonha aos olhos do mundo inteiro.

Contudo, o decurso desse ano tão coerentemente utilisado pelos monarquicos, não chegou para a justiça ultimar os processos perante os quaes têm de responder, no tribunal, os implicados néssa vergonhosa e infamissima tentativa.

Tódo esse tempo passado não chegou para encerrar o libélo afim de ser exigida a indispensavel responsabilidade a quem déla pertilhe!

Quando se cumpre a lei? Quando se chamam os acusados a responder pelos seus crimes? E porque se não pede, por tal demora, a responsabilidade a quem éla toca?

Tudo isto pareceria inacreditavel se não fosse uma tristissima realidade!

SACRIFICIO HEROICO

—=(*)=—

Um suisso, recentemente chegado da Belgica, refere o seguinte episodio, ao mesmo tempo tragico e sublime:

As tropas alemãs haviam ocupado, abandonado e reocupado uma vila da região de Francorchamp, nos arredores de Spa. Tendo descido a noite, quando já os habitantes, numa angustia mortal, se haviam metido em casa sem nenhuma intenção de resistir, ouviram-se tiros. Sucedera o que já noutros pontos tinha acontecido em circunstancias semilhantes: os alemães, vendo chegar tropas e supondo que era o inimigo, haviam feito fogo sobre os proprios camaradas. Para se desculparem do deploravel erro, os soldados disséram aos oficiaes que fôra a população civil que disparára.

O comandante ordenou que, ao acaso, se buscasse um certo numero de civis, que foram alinhados contra um muro e fusilados sem outra fórma de processo. Parece que similhante execução devia bastar, mas na seguinte noite reproduziu-se o tiroteio. Tratava-se, de novo, duma confusão ou teriam querido, désta vez, impelidos por um sentimento de revolta mais forte do que a razão, os parentes das vitims tirar uma vingança da morte brutal dos seus? Não foi possivel averigual-o.

No entretanto, o comandante fez juntar as pessoas notaveis da povoação e declarou-lhes que, visto não ter bastado um exemplo, era obrigado a tomar providencias ainda mais severas. Umas vinte pessoas, tambem reunidas ao acaso, foram avisadas de que soára a sua derradeira hora e que iam ter a mesma sorte das vitimas da vespera. O oficial, todavia, observou que, se o culpado quizésse confessar o seu crime, sería ele o punido, poupando-se as outras vidas. Decorreram alguns segundos num profundo silencio. Em seguida, adiantou-se um sacerdote, um velho sacerdote de cabelos brancos e rosto sereno e meigo. Dirigindo-se ao capitão, exclamou:

—Fui eu quem disparou.

O oficial não acreditou na mentira sublime. Compreendeu que ia fazer morrer um inocente e o rosto cobriu-se-lhe duma palidez mortal. Visivelmente hesitava. Disse, por fim, ao padre:

—Está resolvido o jurar que é realmente o culpado?

O sacerdote ergueu a mão e exclamou:

—Sim, fui eu. Juro-o.

Nada mais havia a fazer. O oficial fez um gesto e voltou a cára para o lado. Os seus homens conduziram o veneravel eclesiastico para o logar do martirio e decorridos minutos seis detonações confundidas como se fossem uma só advertiam as testimunhas désta scena tragica de que *justiça tinha sido feita*...

Que sublime e heroico sacrificio!

Nem parece de padre...

CARTA

—=(*)=—

Trouxe-nos o correio esta semana a que segue, e cuja reprodução nos é solicitada por um *velho republicano*:

Meu caro amigo

Na carta publicada no Democrata *de sexta-feira, 6 do corrente, devida á penna do conspirador Jaime Duarte Silva e por ele enviada a* John Walter, *que era nem mais nem menos que o degenerado Luiz de Magalhães, residente a essa data em Londres,* o *referido Jaime Silva pede cartas régias, além da já enviada para* o comité *e independente dos cincoenta contos—a mola principal, bem entendido, para que o Jaime e a sua gente* defendessem a causa e o rei sem desfalecimento—*cartas régias, diziamos, para o Per. Mat., J. Fran. da Si., Cons. R. Costa, Moreira Al., Co. Orn., etc. Depois de indicada a pessoa para quem essas cartas devem ser enviadas,* o *prior de Caminha, diz o Jaime Silva*: Para eu saber que elas estão lá, basta um telegrama para seu cunhado sobre a saude de V. Ex.ª ou sua familia.

Póde o meu caro correligionario informar-me por via do nosso jornal, quem será esse cunhado? E, recebendo este o telegrama, poderá admitir-se que não conhecesse a significação do respectivo texto? Esse tal cunhado deve ou não ser considerado tambem como um autentico conspirador tendo em vista a moralidade do imortal principio que—tão bom é o ladrão que vae á vinha como aquele que fica de vigia?

Aguardo a sua resposta a vêr se condiz com aquela que desde logo formulei no meu espirito.

Com a maior consideração

Velho republicano

Realmente não nos parece que possa ser outro o cunhado de Luiz de Magalhães encarregado de receber o tal telegrama senão aquele que o *velho republicano* supõe.

E' mesmo logico que seja visto residir aqui proximo e a intimidade que de longe une os dois Jaimes...

Quem será?

Não se sabe ainda á hora a que escrevemos o nome do cidadão escolhido para substituir o sr. Augusto Gil no cargo de governador civil, por este deixado, constando-nos, todavía, que se pensa em colocar aqui uma pessoa do distrito, que foi, ao que parece, discipula do sr. presidente do ministério.

Seja, porém, quem fôr, e como fôr, o que é indispensavel é que venha um republicano, que se saiba impôr á reacção, ocupar este logar, nomeadamente agora que o bando começou a deitar os bracinhos de fóra auxiliado pelo sr. Augusto Gil.

Sendo assim conte o novo governador civil que a ajudá-lo encontrará todo o elemento liberal desta terra, que não é muito para desprezar.

"Os meus pecados,,

O sr. João de Souza, que não temos a honra de conhecer, mas que nos é apresentado por João de Barros como um moço de vinte anos, ou pouco mais, dignou-se enviar a esta redacção o seu primeiro livro de versos, agora publicado, e a que deu o titulo da epigrafe. Recebemo-lo ha dias, por sinal que numa distribuição da noite e em hora de bôa disposição para lêr *trovas satiricas ao amor e ás mulheres*, sub-titulo que ainda em nós despertou mais o interesse pela obra de João de Souza.

O volume não chega a ter 50 paginas. No entretanto em cento e oito quadras, que ele contém, o que vemos nós? A mulher ser tão maltratada—coitadinha!—tão injustamente apreciada pelo poeta que, franquêsa, franquêsa, não acreditâmos que seja só para fazer literatura que João de Souza assim fale das mulheres, sem restrições, nem condescendencias pelo belo sexo. Querem uma amostra? Ei-la:

Mulheres são creaturas
Que a mentir não tem recato.
Não ponho, p'las suas juras,
Nem o rabo do meu gato...

Será pura fantasia
A consulta aos malmequeres,
Mas mais tolo é quem se fia
No que dizem as mulheres!

Os teus braços são cadeias
Que prendem por toda a vida,
Mas não me prendem a mim,
Que tenho folha corrida...

A mulher é faladora
Por esta simples razão:
Quando a lingua mexe muito,
Está quêdo o coração.

P'ra que uma mulher nos ame,
Dá-se esta receita, agora:
Um beijo de mez a mez,
E um bofetão de hora a hora.

Tu dirás o que quizeres,
Mas a verdade é que impéra:
—Entre um cento de mulheres,
Ha uma, talvez, sincéra.

Como tudo é relativo
Neste mundo de impostura,
A maldade, na mulher,
Anda a par da formosura.

Se ha nesta palavra—amor—
Um veneno de intrujisse,
Foi a mulher que lho deu
A primeira vez que a disse.

O' mulher deliciosa,
Dourada abelha do amor!
Não serias mais formosa
Sem esse riso traidor?

Se a amar alguem te meteres,
Não reserves os teus fins;
O madrigal, ás mulheres,
Só agrada... em folhetins.

Deseja-me, ó tentação,
Todo o mal que possa ser!
Para mim, vale um milhão
O odio duma mulher!...

Deus, ao criar a mulher,
Marcou-lhe, no espaço imenso,
Por cada ano de vida,
Uma hora de bom senso!

Da mulher, santa que seja,
Ha sempre isto a recear:
—O levar-nos á egreja
Para a gente se casar...

Que dizem a isto? E' forte ou não é forte? Está claro que não se trata de saber se João de Souza escreve mal ou escreve bem, se o seu inspirado éstro prima pela originalidade e se o ritmo das suas trovas se casa com a doçura amorosa em que assenta desde tempos imemoriaes o pensamento de quasi todos os poetas. Não. Isso, essa apreciação, queremos deixa-la, intacta, aos criticos que melhor do que nós a sabem fazer e com mais vantagem para os poetas debutantes, como o sr. João de Souza, cuja graça, nos apraz registar com louvor. Do que nós tratâmos, simplesmente, é da fórma irreverente como a mulher é apreciada sem olhar a que nem todas estão nas condições de serem ridicularisadas quando não anatmatisadas duma maneira tão dura, tão cruel.

Féras? Sempre as houve. Impostoras? São de todos os tempos. Falsas? Só não calhando. Contudo muitas e honrosas excepções existem que deviam servir ao sr. João de Souza para modificar um pouco os seus impetos enraivecidos, pelo menos na aparencia.

Hade vêr o autor do livro a que nos reportamos e cuja oferta agradecemos reconhecidos, hade vêr que fez uma grande asneira em iniciar a sua vida literária zurzindo desapiedadamente a mulher.

A mulher em quem não é dado bater nem com uma flôr, segundo a opinião dos que nela reconhecem o anjo da terra...

PELA IMPRENSA

Apareceu ontem um novo jornal nesta cidade intitulado *O Riso do Vouga.*

Diz-se independente, noticioso e literario e é de formato pequeno.

CARTA DE ANADIA

As novas inspecções militares aos mancebos isentos---Chama-se a atenção do sr. Ministro da Guerra

Já está mais que demonstrado que a opinião publica de hoje não é a mesma que a de ha quatro anos. A repetição dos escandalos que eram vulgares no tempo da monarquia, é hoje motivo para os mais indignados protéstos; e é assim que logo que a opinião publica teve o convencimento de que o favoritismo e a corrução nas inspecções dos mancebos que se apresentaram ás juntas de inspecção militar se praticavam com um desplante inaudito, para não dizer revoltante, não houve cidade, vila ou burgo de onde não saíssem queixas e protéstos do bom povo que ama sincéramente a Democracia e que não quer vêr a nossa joven e prospera Republica caminhar pelo mesmo caminho escabroso e perigosamente incérto que levou a monarquia á morte mais ingloria que é dado a uma instituição politica em países que querem passar por civilisados. Felizmente que os écos de protésto e revolta contra o procedimento criminoso e indigno dos caciques que pretendem criar clientelas eleitorais á custa desse negocio infame, como é o de conseguir a corrução de oficiaes que, calcando aos pés a dignidade do mister que a Patria lhes confia, levando-os a isentar mancebos do serviço militar, que nenhum defeito fisico possa tornar incapazes de defender a sua Patria, ou mesmo dos especificados nas respectivas tabelas possuem, se prestam tambem a desonrar uma farda que simboliza a honra, a lealdade, a bravura e a incorruptibilidade; felizmente, diziamos, que todas as infamias e escroquerias que vimos inumerando, écoaram no espirito recto e patriotico do nobre Ministro da Guerra que os tenta remediar, ordenando novas inspecções aos mancebos isentos, quer temporaria, quer difinitivamente.

A' imprensa, liberal e democratica, coube a gloria de fazer chegar ás esféras superiores do Ministério da Guerra o grito de alma dos bons republicanos, contra esse grande atentado ao brio e á honra do exercito e do povo português.

A' mesma imprensa cumpre não largar o assunto de mão, emquanto ao seu conhecimento chegar a certeza de que se teima em confirmar as isenções, pelo menos, dos mancebos que de novo se empenham por intermedio dos mesmos protectores, em levar os oficiaes que os isentavam e cuja avultada paga já receberam, a conseguir que nas segundas inspecções se confirme o *veredictum* das primeiras!

Esta infamia, que é sinal dos tempos que correm, já se está verificando em muitas partes, aonde se tem feito novas inspecções. De um oficial superior do exercito sabemos nós quem ouviu a afirmativa do que estâmos denunciando. Esse oficial não se ocultou de afirmar que quasi todas as isenções seríam confirmadas, visto ás novas inspecções assistirem os mesmos oficiaes medicos, pois que eles se empenhariam para tal conseguirem, e tambem que havia uma cérta má vontade, da parte de muitos oficiaes, contra a lei do recrutamento militar e contra o terem-se ordenado novas inspecções aos isentos! Além disto tudo, sabe-se que os beneficiados já agradeceram aos que os isentaram com valiosissimos presentes, constituidos por: vitélas, duzias de frangos, porcos cevados, etc., etc.

Agora perguntâmos nós ao ilustre Ministro da Guerra: estará S. Ex.ª resolvido a providenciar para que se faça justiça?

Esperâmos.

Manuel Gomes Junior

Agasalhos para os nossos soldados

Sabemos que as alunas da Escola Normal désta cidade se dispõem a confeccionar agasalhos de lã para oportunamente oferecerem aos soldados que tenham de ir combater pela Liberdade contra as hostes teutonicas, acção que desde já nos apressamos a louvar pelo que representa de generosa e ao mesmo tempo patriotica, em tudo digna do nosso aplauso.

* * *

O festival que um dia destes realisou no Passeio Publico a Banda dos Bombeiros Voluntarios rendeu, liquido, 34$32, quantia esta que a direcção da referida banda destinou á subscrição em beneficio dos feridos da guerra.

Bem hajam os que, com decidida bôa vontade, trabalham para fins tão altruistas.

REUNIÃO

Efectuou-se no domingo a que estava anunciada dos acionistas do teatro para discussão do projecto dos estatutos elaborado pelo nosso particular amigo, sr. dr. André dos Reis, o qual recebeu a sanção da assembleia geral depois de introduzidas várias emendas.

Devem subir em bréve ao ministério do Fomento afim de serem definitivamente aprovados.

FABRICA DE LIXA

Estão prestes a concluir-se os trabalhos deste grande estabelecimento fabril de que são proprietarios os nossos amigos srs. Antonio Maria Ferreira, João Ferreira e Antonio de Brito, tendo começado já a montagem do maquinismo para a sua laboração a qual principiará, talvez, por todo o mez de Janeiro, se não fôr antes.

A' câmara, visto tratar-se de um importante melhoramento local, lembrâmos a conveniencia de mandar abrir o caminho que dá acesso, pela estrada de Esgueira, á fabrica, no terreno que lhe pertence pois estâmos por cértos que o mesmo farão os proprietarios désta, prolongando-o, apenas essas obras sejam iniciadas.

Notas mundanas

Consorciou-se em Ilhavo com o sr. João de Oliveira Quininha, a sr.ª D. Silvia Tavares de Almeida Maia, gentil e prendada filha do esclarecido clinico, nosso presado amigo, dr. Samuel Maia.

As maiores venturas desejâmos aos noivos.

= Visitaram-nos no domingo os srs. Joaquim Soares de Figueiredo e Castro e Antonio de Oliveira e Silva, de Loureiro.

= Teve o seu bom sucésso dando á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. Celestino Batista da Silva, digno 1.º sargento de infanteria 24.

Muitas felicidades.

= Partiu para o Brazil tencionando demorar-se pouco, o sr. José Antunes Sobrinho, de Agadão.

= Pelo sr. Joaquim Soares foi pedida em casamento a sr.ª D. Celina Batalha da Cunha, simpatica filha do sr. Luiz Marques da Cunha, capitalista residente nesta cidade.

= Vindo do Porto encontra-se na sua terra natal—Taboeira—o sr. Manuel Nunes Farreque.

= Esteve ontem nesta redacção o sr. João Pereira Rebelo, de Ovar, que na proxima segunda-feira embarca para Manáos.

Estimâmos que faça bôa viagem.

= Fixou residencia em Aveiro o capitão reformado, sr. Belmiro Duarte Silva.

= Em comissão de serviço na repartição de finanças, parte para Anadia o sr. Firmino Picado.

= Tambem seguiu para Lisboa, chamado pelo ministério da marinha, o sr. Silverio da Rocha e Cunha, 1.º tenente da Armada e que por algum tempo desempenhou com inteligencia e critério o espinhoso cargo de capitão do porto de Aveiro.

A' estação foram despedir-se do sr. Rocha e Cunha muitos dos seus amigos que souberam da sua partida e quizéram tributar ao brioso oficial a estima de que é merecedor.

= Regressou da Costa Nova com sua filha, a sr.ª D. Joana Gomes de Faria, viuva do malogrado aveirense, sr. Amadeu Faria de Magalhães.

= Veio a esta cidade para negocios, o sr. Manuel Simões de Oliveira, do Paço.

Jardim Zoologico

Acusamos recebido o Relatorio da Direcção e parecer do Conselho Fiscal que os corpos gerentes do Jardim Zoologico e de Aclimação em Portugal, em exercicio no ano de 1913, nos acaba de enviar e que, como documento, é uma consciencíosa e lucida exposição de todos os actos que lhe dizem respeito os quaes são dignos dos maiores encomios.

O Jardim Zoologico, de Lisboa, que recomendâmos a todos quantos visitem a capital, é onde se encontra a mais completa colecção de animaes de vária especie, sendo avultado o numero dos amigos que tem concorrido para o seu desenvolvimento e prosperidades. Principalmente o parque das Laranjeiras é hoje um dos principaes pontos do aprazivel recinto.

Com 120 anos

Faleceu ultimamente proximo da ponte de Vagos uma mulher de nome Joana de Jezus que, segundo a declaração da pessoa encarregada de participar o obito, tinha a bonita edade de 120 anos.

A proposito, o nosso colêga *Jornal de Vagos*, faz esta ingenua pergunta: *Sendo as vidas curtas, como conseguiria esta mulher prolungar a existencia por tantos anos?*

Ora, como conseguiu: tomando o *Elixir de Longa Vida*...

A' letra...

—=(*)=—

Após ter historiado, ligeiramente, as várias alterações de ordem publica que desde 5 de Outubro a esta parte se teem dado em Portugal, o sr. dr. João de Menezes termina assim o seu artigo de terça-feira na *Lucta*:

«Se não póde vir D. Manuel, se não póde vir D. Miguel, venha em todo o caso um rei, seja ele quem fôr, inglês, alemão, espanhol; venha um *lord* Cromer ou venha um Von der Goltz, venha seja quem fôr; tudo menos a Republica. Assim a causa monarquica se tornou, fatalmente, uma causa estrangeira e a causa republicana é, mais do que nunca, uma causa nacional. Posta nestes termos a questão pelas afirmações e pelos actos dos proprios monarquicos, o que se impõe, por um dever de honra e de patriotismo, aos republicanos?»

Pouca coisa: impõe-se apenas que tenham juizo.

O S. Martinho

Decorreram sem incidentes de maior as festas em honra do patrono dos velhos adoradores de Baccho, atingindo em algumas *capélas* da cidade dosusada animação.

A policia vigiou de perto determinadas baiucas onde o carrascão costuma fazer das suas, mas não teve motivos para intervir.

Assim foi bom.

"Justiça de Fafe„

Entrou no 3.º ano de existencia este confrade republicano que tem por director o dr. Paulino da Cunha.

Felicitando-o aqui lhe expressâmos tambem os votos que fazemos pelas suas prosperidades.

Necrologia

Surpreendeu-nos a dolsrosa noticia do falecimento, em Coimbra, da mãe dos nossos amigos srs. Antonio Dias Simões de Carvalho, empregada na estação telegrafo postal e Francisco Dias da Conceição, fiscal dos impostos em exercicio tambem nesta cidade.

Apresentando-lhes os nossos sincéros sentimentos tornamo-los extensivos aos que, embora distantes, sofrem egualmente a dureza do profundo golpe, os bons amigos Cipriano, Ruben e Henrique Dias, filhos da falecida, assim como ao atribulado e decrépito viuvo.

= Na Guarda, onde atualmente se encontrava na companhia de seu filho Cisnando, faleceu a sr.ª D. Felicia da Luz Lopes Maia, viuva do sr. Antonio Augusta de Souza Maia, que por muitos anos dirigiu o *Districto de Aveiro*.

A' sua familia os nossos pezames.

CORRESPONDENCIAS

Rio Grande do Sul, 5 de Outubro

Salvê 5 de Outubro de 1914! Longe de ti, neste torrão amigo, quéro saudarte ó minha Patria libérta! Não imaginas—ó Patria!—quanto és amada pelos teus filhos de além-mar. Após 80 anos de máus governos que tivéste, conseguiste quebrar as algemas que te prendiam os pulsos.

Tornaste-te grande, se não imensa, quando sacudiste para fóra do teu torrão, esse bando negro que te impestava o sangue—o jesuitismo.—Quatro anos são passados, que atiraste para o charco aquéla vergonhosa monarquia, que a manhã de 5 de Outubro de 1910 confirmou.

Na passagem, pois, do teu 4.º aniversário, Republica, e longe de ti eu quéro saudar-te ó Patria querida, ó Patria minha amada!

Guilherme Francisco Luiso

Pinhão, O. de Azemeis, 5

Neste momento em que para a liberdade estão assestadas as mortiferas bocas de fogo das maquinas de guerra postas em acção pela horda iniqua do monstro teutonico que pretende emitar na luta o cisne de Napoleão, o grande, que desrespeitando e ultrajando as mais sagradas e sacrosantas convenções que existem perante a humanidade, assassinam creanças, velhos e mulheres, sôa o clarim no campo da batalha anunciando a investida selvatica que pretende aniquilar esses bravos heroes que se batem pela defêsa das liberdades, pela razão e pela justiça; caiem combatentes semeando os campos de agonias e gemidos amaldiçoando talvez num impeto de colera esse monstro que ateou o fogo à Europa incendiando universidades e bibliotécas, arrazando cidades e destruindo tudo para que éla se cubra de crepes negros chorando por esses mesmos bravos que derramaram o seu sangue pela santa causa das mesmas liberdades!

Portugal, esta nossa ditosa patria, acaba tambem de ser ferida quasi pelos mesmos processos da horda selvatica teutonica, por uma outra de traidores, que se não fosse as acertadas providencias que o govêrno tomou, a estas horas se achava juncado de cadaveres, para colocarem num trono um rei cujo passado nos envergonhava e enodoava perante o mundo inteiro! São os clericaes, monarquicos, os assassinos e criminosos; são esses mesmos que esperam pela vitoria selvatica teutonica para que o monstro lhe coloque no trono esse parasita bragança para nos submeter ao jugo da asquerosa batina!

Portugal, o nosso querido Portugal, resuscitou e mais uma vez, vae desfraldar a sua bandeira gloriosa no ardor épico da peleja mostrando ao orbe quanto ainda forte está o seu braço e de quanto vale o seu esforço audaz e intemerato ao lado da sua aliada—a Inglaterra. Se morrermos, a nossa alma poetica e sonhadora ainda influenciada pelos exemplos aureos dos nossos antepassados nas trincheiras e redutos inimigos, gritará ao mundo estatico.

Viva a Republica!
Viva a Liberdade!
Vivam os aliados!
Morram os traidores apologistas da vitoria teutonica selvatica!

Padre Mestre

ANUNCIO

Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro

3.ª secção de construcção

Faz-se publico que no dia 2 do mez de dezembro do corrente ano, pelas 12 horas, na Administração do concelho de Albergaria-a-Velha, perante a Comissão respectiva, presidida pelo Administrador do mesmo concelho, se recebem propostas em carta fechada, para a execução da construcção da Passagem superior da E. D. n.º 70, sobre o caminho de ferro do Vale do Vouga, em Albergaria-a-Velha.

Base de licitação 2.100$00
Deposito provisorio 52$50

O processo de arrematação, contendo desenhos, medições, condições e caderno de encargos estará patente na secretaría da 3.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas de Aveiro, todos os dias não feriados, desde as 10 horas até ás 16.

As guias para efectuar o deposito provisorio serão passadas na referida secretaría, até ao dia 30 de novembro.

A importancia do deposito definitivo é de 5 °/₀ do preço da adjudicação.

Aveiro, 10 de Novembro de 1914.

O Conductor chefe da 3.ª secção de construcção,

JOSÉ DA MAIA ROMÃO

AVISO

Pelo presente é avisado o sr. José Gonçalves, viuvo de Maria Aurora da Costa, morador no Pará, de que não comparecendo ou não mandando satisfazer o seu débito de 499$00, juros e mais despezas, nos termos da escritura de 23 de Setembro de 1913, dentro do praso de trinta dias a contar da publicação deste anuncio, será requerida, no Tribunal désta comarca, a competente execução hipotecária.

Aveiro, 11 de novembro de 1914.

Manuel Simões de Oliveira

Ultima hora

—(*)—

Novo governador civil

Indigita-se para vir chefiar o distrito de Aveiro, o sr. dr. João

Salêma, de Castélo de Paiva.

O funeral do sr. Pinto Basto

Acha-se em deposito na egreja da Mizericordia o ataude encerrando os restos mortaes do sr. Gustavo Pinto Basto, cujo funeral se realisa ás 16 1/2 horas, como noutro logar dizemos.

4

sa nobremente, não perdemos a oportunidade para desfiarmos a interessante meada tecida pelos conspirantes para a ambicionada restauração realista.

Isso, pois, será feito. O *dossier* é enorme, apesar de interessante, e antes mesmo que dele falemos urge chamar a atenção do govêrno para o facto incontroverso de que, como diz o sr. dr. João de Menezes, o movimento de ha dias é precisamente o movimento de ha um ano, impedido então, mas não desorganisado.

Portanto o govêrno sabia perfeitamente todo o vasto plano da conspiração. Conhecia todos quantos nele se encontravam envolvidos. Estava no segredo da conspiração, dentro dos seus *complots* e das suas ramificações, absolutamente consciente de toda a sua organisação e istomesmo se confessou já.

Os documentos que vimos, o processo do sr. João Eloy, as provas mostradas a jornalistas, os depoimentos das testimunhas, tudo o que constitue o *dossier* da conspiração de Outubro do ano passado, déram ao govêrno todas as facilidades de descobrir a vasta rêde em que a Republica devia ser caçada. Essa rêde não se rasgou, não se esfacelou. Conserva todas as malhas. Uma só rompeu. A de Mafra.

Se o govêrno, numa atitude verdadeiramente republicana, tivésse cumprido á risca o preceituado no decreto de amnistia, isto é, se fizésse proseguir o julgamento do sensacional processo da conspiração, para apreciar todas as responsabilidades, ou se, na melhor das hipoteses, tivésse ao menos dado ampla publicidade da documentação em seu poder para esclarecimento do publico e da nação, talvez que a vergonha por que este ano foi arremessada contra a Republica se tivésse evitado.

Não se fez assim. O processo do sr. João Eloy, como a documentação desse processo, jazem sepultos no seio do mais misterioso esquecimento!

Não acusâmos, nem louvâmos o govêrno. Não é, como já dissémos, uma campanha que vamos iniciar contra o govêr-

PARA A HISTORIA

Nos bastidores da conspiração

DE

1913

OUTUBRO
1914

3

1913-1914—O movimento impedido em 21 de Outubro de 1913 fracassou em 20 de Outubro de 1914?—Em que se volta a falar de Homero—O que se podia ter feito e não se fez!

Escrevendo sobre a tentativa da restauração monarquica, o sr. dr. João de Menezes, um dos mais cotados marechais do partido unionista, declarou em publico que o movimento de outubro do ano passado foi apenas impedido mas não desorganisado.

Interessa-nos muito particularmente o tardio depoimento do velho republicano sobre a conspiração de 21 de Outubro de 1913, essa célebre tentativa que os partidos da Republica aproveitaram para jogar os seus melhores impropérios contra o govêrno do Partido Republicano Português e na qual se salientou o ex-agente da policia Homero de Lencastre, e esse interesse justificado está desde que se compreenda que a hora de Justiça e de Verdade soou para todos os velhos e leais republicanos que se salientaram na descoberta dessa terrivel e perigosa conspirata e que por prémio receberam enxovalhos não só dos seus irmãos de ideias, que esses perdodos estão, mas de todos quantos inimigos da Republica quizéram molhar a véla nessa maré de injustos doestos.

O nosso caso não é, porém, tomarmos a legitima desforra do que só agora e tardiamente se confessa para pedir restritas contas aos responsaveis dessa campanha. O nosso proposito é demonstrar que, efectivamente, a tentativa de Outubro deste ano é exactamente a mesma de Outubro do ano passado, incluindo os seus mais minuciosos detalhes e que ela se intégra, duma maneira absoluta, no movimento restauracionista do ano passado.

E desde que um dos chefes dum partido oposto o confes-